



QUESTÕES DE ENTENDIMENTO

"Ratos e baratas vivem em competição sob as leis da oferta e procura; é privilégio dos seres humanos viver sob as leis da justiça e misericórdia."

Wendell Berry (poeta norte-americano)

A arte de saber viver adequadamente, em especial nos dias que correm, é um desafio que não deve ser levado de ânimo leve. A complexidade social em que vivemos, em que surgem constantemente novos fenómenos de interacção pessoal e colectiva, requer um esforço constante, uma adaptabilidade muito grande que nos consome tempo que hoje cada vez é menor e em que se vive mais aceleradamente.

A nossa consciência tem vindo a ser objecto de grandes alterações e pressões em todas as áreas da nossa existência.

Aceitar a realidade como ela é, tornou-se hoje objecto de escárnio porque não nos adaptamos a ela, preferindo dar prioridade aos nossos medos e anseios. Exemplo disso é o tempo que se consome com televisão, sistemas de virtualização, a forma passiva como reagimos a acontecimentos sociais graves e outras situações afins. A TV e o seu impacto na forma como vivemos e lidamos com a realidade tem sido analisada por muitos investigadores mas isso não permite por si que o mortal comum adquira a visão do quanto esse meio de "comunicação" nos afasta da realidade, através da vivência à distância de situações que passamos a ver como "histórias", fantasias ou coisas de "outras realidades". Elas não nos acontecem a nós, até ao dia que batem-nos à porta e a realidade, entra porta dentro.

Distúrbios psicológicos, processos de negação e alheamento da realidade aumentam dia a dia e isso é fácil de constatar observando com atenção o comportamento dos nossos concidadãos. A agressividade gratuita e pelas razões mais corriqueiras, a arrogância exacerbada, a necessidade patológica de parecer ser o que não somos, a indiferença pelo sofrimento alheio e pela fragilidade da vida nas suas diversas vertentes, são procedimentos que tendem a generalizar-se e já há estatísticas (esta é para aqueles que estão a pensar ... afirmações feitas sem dados estatísticos a fundamentar) onde se verifica que o aumento das perturbações de foro psíquico estão a aumentar, em todos os grupos etários, e por diversas razões, mas que eu identificaria como, alimentação desajustada, falta de tempo (ciclo de vivência acelerado), virtualização da realidade, gestão/controlo de necessidades pelas industrias, aumento exponencial de sistemas de ondas de rádio sem capacidade de adaptação do organismo humano (ou será que só as explosões solares é que provocam perturbações?), tal como acontece com a agricultura com os transgénicos, relativização dos valores éticos, sobrevalorização do materialismo, excesso de concentração de populacional em espaços cada vez mais reduzidos, interessante analisar aos olhos do Haragei, e mais.

Gostaria aqui de referir uma frase do poeta e filósofo alemão Goethe que afirmou em um dos seus escritos que no futuro a humanidade dividir-se-ia em dois grupos e em que metade iria consumir o seu tempo a tratar da outra. Interessante.

Este tipo de reflexão que faço provem da necessidade que sinto de não me limitar a repetir o que os "comentadores, os especialistas e analíticas" fazem mas a tentar, observando a realidade, tão



desapaixonadamente quanto possível, obter conclusões pela minha cabeça e partilhá-las para que elas produzam nos outros processos de reflexão. Isto é fundamental quando se quer desenvolver, para a prática das Artes Marciais, a capacidade de gerir o momento de acordo com a realidade. No entanto há quem ache que sou radical, conflituoso, confuso, profeta das conspirações, etc. Gostaria aqui de referir, que radical é uma coisa que não sou. Serei fundamentalista porque gosto de estar nos fundamentos (aquilo que permite que os prédios estejam agarrados ao chão e não a flutuar nas nuvens). Ser-se radical é estar nos extremos e é um paradoxo quando se realizou um esforço para estar no centro. Dando um exemplo refiro aquilo que eu acho que separa um 1) cristão ou ateu convictos e informados de um 2) “cristão” radical ou ateu militante. Os dois primeiros agem de acordo com as suas convicções que são produto de uma reflexão pessoal e embora estejam em campos opostos, sabem respeitar-se, dialogar e até encontrar pontos de partilha, mesmo que estejam firmes nas suas convicções que não devem ser relativizadas nem esvaziadas dos seus fundamentos. Os outros dois são produtos de ausência e pensamento próprio, alicerçado na ignorância, no preconceito, numa ideologia imposta e têm como padrão de comportamento o ódio, a intolerância e a vontade de impor ao outro as suas ideias pela força.

Serei radical? Penso que não embora diversos amigos me tenham chamado. Sou pró-activo, e a passividade ou apatia com que hoje se vivem os problemas graves que se nos deparam faz-me por vezes ser duro, mas qual é o pai que perante um filho que cometeu uma falha grave não tem de ser determinado para o ajudar a vencer aquele problema. Sou assim com os meus alunos. Não defendo: *“Tadinho está ou pode ficar traumatizado!”*. Acredito no livre arbítrio. Se alguém segue pela via do erro é uma decisão sua e que terá consequências. A tolerância ao erro deixa de ser tolerância quando o erro se eterniza ... deixa de ser um acontecimento esporádico para tornar-se uma forma de estar – o carácter – de quem comete o erro. Não acreditar nisto é não acreditar que o homem nasceu, vive e deve morrer livre. Como cristão que sou defendo isso pois isso está nos fundamentos da minha fé. Se outros acham o diferente talvez devam começar a ler ou retomar a suas leituras ... que não são os jornais, mas as encíclicas e os textos antigos, lidos e contextualizados de acordo com conhecimentos linguísticos e culturais da época, no mínimo. Se não sabem tentem perguntar a quem sabe. Sim por que sim não serve. A ignorância não serve de desculpa.

Se uma atitude destas me trazer inimigos ou incompreensões, óptimo. Não podemos estar com gregos e com troianos. Não querer ter amigos por ter amigos pois por vezes estar só é a melhor opção, é aquilo que considero a posição mais prudente. Ultrapassar a mediocridade, a inveja, a impotência, o comodismo, a destruição dos valores humanos e éticos, é fundamental para que possamos ser cidadãos livres, e essa é também uma responsabilidade dos praticantes de AM. A verdade é que, em pleno século XXI, assistimos ao aumento de situações “dignas” de há mil anos atrás. A barbaridade da humanidade, a repetição de erros sociais, com novas roupagens desmente que a tecnologia tenha mudado a nossa consciência para melhor, mudou a nossa vida. Somos os mesmos bárbaros só que com espadas mais sofisticadas. Não temos de estar aqui, neste registo e para isso tudo passa por termos opiniões próprias, fundamentadas e ter capacidade de dialogar com quem quer dialogar e afastarmo-nos daqueles que nos querem impor etiquetas e vontades.

Lisboa, 10 de Setembro de 2014